

AMEAÇA SEPARATISTA

Ucrânia na encruzilhada

Para especialistas, desfecho de crise no Leste da Europa dependerá do Kremlin



Secessão. Ativista pró-Rússia monta guarda numa barricada junto à sede do governo regional de Donetsk

ULTIMATO DE 48 HORAS

KIEV AMEAÇA USAR A FORÇA CONTRA REBELDES

KIEV. O governo interino da Ucrânia deu um ultimato contundente a separatistas que tomaram prédios estatais de cidades do Leste do país: escolher entre a mesa de negociações num período de até 48 horas ou enfrentar a força bruta.

— Para aqueles que querem o diálogo, nós propomos negociações e uma solução política. Para a minoria que quer o conflito, terão uma resposta forte das autoridades ucranianas — alertou o ministro do Interior, Arsen Avakov.

A ameaça não demoveu as centenas de ativistas pró-Rússia entinchados em cidades como Donetsk e Luhansk. Nesta

última, eles reforçaram as trincheiras e estocaram coquetéis molotov num prédio do governo ocupado. Mas, num sinal de que ainda há aberturas ao diálogo, 56 de 60 reféns detidos pelos separatistas na sede local dos serviços de segurança ucranianos (SBU) foram libertados na madrugada de ontem depois que deputados tiveram autorização de acesso ao local para negociar.

Enquanto isso, Estados Unidos, Rússia, Ucrânia e União Europeia acertaram negociações no próximo dia 17, em Viena. Diplomatas mostram ceticismo e se queixaram da demora — uma semana seria tempo demais dada a tensão no Leste ucraniano.

Moscú não quer uma segunda Crimeia

Análise

ALEX PRAVDA

O cenário mais provável é aquele no qual o Kremlin continuará usando meios indiretos de pressionar Kiev, inclusive via Ocidente. Os russos querem uma descentralização, uma estrutura federal. Mas isso não é fácil, e a situação pode acabar se tornando o pesadelo que Putin tenta evitar. Ele não quer um conflito militar. Tampouco quer uma segunda Crimeia.

Existe uma minoria russa nessas outras regiões do Leste da Ucrânia. Mas os protestos são formados majoritariamente por descontentes. E essa insatisfação no Leste não é porque querem se juntar à Rússia, mas porque não querem o governo atual. Eles rejeitam o governo, não por ser fascista, como acusa a Rússia, mas porque se sentem negligenciados. O padrão de vida na Ucrânia é relativamente baixo, lá é mais baixo ainda. Eles sentem Kiev muito distante e acham que são discriminados.

Pesquisas ucranianas indicam que apenas 20% da população do Sudeste apoiam o governo. Cerca de 60% são, de fato, contra. E 8% gostariam de se juntar à Rússia. Putin está tirando proveito disso. A estratégia é a desestabilização, uma tática extremamente arriscada. Para usá-la, é preciso confiar em quem está na linha de frente. O fato é que, se houver mortes, a coisa se complica.

Neste caso, a Otan poderá ajudar a Ucrânia, não com soldados, é claro. Mas não é isso o que quer o Kremlin. Ninguém quer mandar soldados para lá. A popularidade de Putin está mais alta do que nunca na Rússia. Mas muito poucos aprovam uma intervenção militar. No caso da Crimeia era diferente, havia mais tropas lá e era mais fácil controlar os manifestantes. Estou preocupado porque o gerenciamento dessa situação não é fácil.

Estados Unidos e Europa deveriam deixar claro quais são seus objetivos de fato, o que ainda não fizeram. Como pensar a Ucrânia independente. Ninguém sério acha que a Crimeia será devolvida. Portanto, é preciso pensar o que fazer a partir daí. Como fazer para que o país fique no meio do caminho entre o Ocidente e a Rússia, como promover o diálogo. A Rússia é uma realidade, é um país forte. É preciso conter as sanções perigosas. Neste momento, mais do que nunca, a OSCE tem um papel fundamental a exercer. Quantos observadores há no Leste da Ucrânia, 200, 300? É preciso que sejam dois ou três mil. É preciso encher o país de observadores porque as informações que estamos obtendo não são confiáveis.

Não podemos achar que um grupo de meia dúzia declare independência a portas fechadas e pronto. Temos que ter acesso a informações corretas, postas em perspectiva. Os russos também poderiam fazer a sua parte. Devem dizer em alto e bom som, uma declaração, e podem usar a televisão russa, amplamente assistida na Ucrânia, para que os compatriotas obedeçam a lei. A Rússia não aceita o novo governo, mas confia no Parlamento, eleito legitimamente pelo povo. ●

ALEX PRAVDA é professor de Estudos de Rússia e Leste da Europa da Universidade de Oxford e deu este depoimento à correspondente Vivian Oswald, em Londres.

Ninguém acha que a Crimeia será devolvida. É preciso pensar o que fazer daí

A Europa exposta às suas próprias fraquezas

Análise

JULIEN NOCETTI

Há muita expectativa no ar sobre o que pode acontecer agora, depois que centenas de manifestantes pró-Rússia na cidade de Donetsk disseram querer um referendo para se separar da Ucrânia e se unir à Rússia. O que vem por aí depende da combinação de vários fatores. É preciso ver se o movimento em Donetsk vai se radicalizar, por exemplo. Mas seja lá o que for, Moscú pode usar como pretexto a “aspiração democrática” para a independência dessas regiões russófonas da Ucrânia. A Rússia, no fundo, tolera na Ucrânia o que ela nunca permitiria em sua própria casa: manifestações de massas que desafiam o governo central. A situação tem forte risco de conduzir a um desmantelamento da Ucrânia diante de um contexto de passividade da União Europeia.

Kiev denunciou que a revolta foi orquestrada pelo Kremlin para criar um pretexto para uma incursão militar. Como aconteceu na Geórgia em 2008, as Forças Armadas da Rússia estão tentando provocar uma escalada para suscitar reações no campo oposto. Na época, Mikhail Saakashvili, o então presidente

da Geórgia — que rompeu relações com a Rússia depois que Moscú reconheceu a independência da Ossétia do Sul, um território georgiano — havia “mordido a isca”, isto é, ele caiu na provocação dos russos. Foi o que “forçou” a Rússia a enviar seus tanques para a Geórgia. No caso da Ucrânia, será preciso ver a coesão e em que estado se encontra o Exército ucraniano, que naturalmente iria sofrer com a perda de suas unidades no Sul e no Leste do país.

Diante disso, podem-se avaliar os objetivos finais do presidente Vladimir Putin. Antes de tudo, ele quer expor os europeus às suas próprias fraquezas: por exemplo, quando se opuseram aos objetivos do Kremlin. Em outras palavras, o equilíbrio de forças está longe de decidir-se. Putin também quer impedir que a Otan se aproxime e feche um círculo em torno da Rússia. Assim, ao suscitar movimentos de independência em Estados soberanos como Moldávia, Geórgia e agora Ucrânia, Moscú quer garantir que estes países nunca irão aderir à Aliança Atlântica.

Por outro lado, o Kremlin insiste na necessidade de uma Ucrânia federalizada. Isto, pelo menos, é o objetivo que as autoridades russas afirmam ter. Sergei Lavrov, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, fala claramente que é preciso avançar para a federalização da Ucrânia.

Tal movimento certamente vai enfraquecer ainda mais o governo central em Kiev, tirando-lhe qualquer legitimidade para governar o país. E o que vai restar da Ucrânia sem a Crimeia e regiões do Sul e do Leste? ●

JULIEN NOCETTI é especialista em Rússia do Instituto Francês de Relações Internacionais (Ifri) e falou à correspondente Deborah Berlinck, em Genebra

É hora de o Ocidente ter uma estratégia

Artigo

THOMAS L. FRIEDMAN

Pouco antes dos Jogos Olímpicos de Sochi, o presidente russo, Vladimir Putin, jogou uma partida de hóquei lá. Em retrospecto, ele estava claramente se aquecendo para a anexação da Crimeia. Putin não me parece um jogador de xadrez em termos geopolíticos. Ele prefere o hóquei, sem árbitro, para que cotoveladas e tropeços sejam permitidos. A luta pela Ucrânia é um jogo de hóquei sem árbitro. Se vamos jogar — nós, os europeus e os ucranianos pró-Ocidente — precisamos ser sérios. Senão, devemos dizer aos ucranianos: fechem agora com Putin o melhor acordo possível.

Estamos falando sério? Depende do significado da palavra “sério”. Começa com o reconhecimento de que um enorme avanço será ajudar os ucranianos que querem se libertar da órbita da Rússia. Estaremos prontos para financiar a reconstrução da Ucrânia através do FMI? E financiar as necessidades de reconstrução e combustível, cerca de US\$ 14 bilhões para começar? E sabendo que esse dinheiro vai para um governo que, antes da derrubada do presidente anterior, aparecia em 144º na lista dos 177 países mais corruptos do mundo, segundo a Transparência Internacional?

Além disso, não podemos ajudar a Ucrânia, a não ser que nós e a União Europeia tenhamos uma estratégia séria de energia renovável e sanções econômicas — o que nos obriga a sacrifícios — para minar Putin e o putinismo, porque a Ucrânia nunca terá autodeterminação enquanto Putin e o putinis-

mo prosperarem. As políticas doméstica e externa de Putin estão intimamente ligadas: sua política interna de saquear a Rússia e manter-se permanentemente no poder com as receitas de petróleo e gás, apesar do enfraquecimento da economia, parece exigir aventuras como a Ucrânia para exaltar o nacionalismo, o anticidentalismo e distrair o público.

Finalmente, falar sério significa aprender com nosso grande erro após a queda do Muro de Berlim: achar que podíamos expandir a Otan — quando a Rússia estava em seu ponto mais fraco e mais democrático — sem que os russos se importassem. Achar que poderíamos tratar uma Rússia democrática como inimiga, como se ainda houvesse Guerra Fria, e esperar que a Rússia cooperasse conosco como no pós-Guerra Fria — sem produzir uma reação anticidental como o putinismo.

O historiador Walter Russel escreveu: “A grande

questão que o Ocidente nunca enfrentou até hoje é: qual é nossa política para a Rússia? Onde o Ocidente vê a Rússia encaixada no sistema internacional? Desde que as decisões de expandir a Otan e a UE foram tomadas no governo Clinton, a política ocidental para a Rússia teve dois projetos para o espaço pós-soviético: a Otan e a UE se expandiriam para as áreas do Pacto de Varsóvia e da antiga União Soviética, mas a própria Rússia seria barrada de ambos... Como muitos apontaram na década de 1990, essa estratégia foi um pedido para se ter problemas.”

Precisamos de uma estratégia para ajudar a Ucrânia e minar o putinismo hoje — e para reintegrar a Rússia amanhã. ●

THOMAS L. FRIEDMAN é colunista do “New York Times”